

A SUPREMACIA DO MÉTODO CIENTÍFICO E A NEGAÇÃO DO OUTRO: CAMINHOS PARA PENSAR ALGUNS CONFLITOS

Weksley Pinheiro Gama

Doutorando em Filosofia (UFRJ)

Introdução

O presente artigo é orientado por uma leitura hermenêutica da história das ciências modernas e dos desdobramentos das mesmas. Nesse sentido, temos como objetivo trazer a tona as bases do pensamento científico moderno, colocando em relevo as metodologias racionalmente instituídas a partir de compreensões que acabam enquadrando toda a realidade em parâmetros previamente dados. Tal dinâmica limita as experiências aos ditames do horizonte de pensamento moderno e nega a validade de tudo que se furta a esse alinhamento, o que configura a negação de qualquer visão quanto ao homem e quanto ao mundo que se dê fora dos limites do pensamento racional moderno.

Esta abordagem não visa desvalorizar as conquistas advindas dos métodos racionais das ciências modernas, mas intenta aclarar os limites deste horizonte que, ao ser tomado de modo totalizante, encobre outras perspectivas valoráveis, embora amparadas em outras bases. Para pensar estas questões, teremos em conta as proposições de Enrique Dussel quanto ao eurocentrismo e ao encobrimento do outro, o que nos levará a indicar alguns dos conflitos decorrentes de tais perspectivas de pensamento.

As ciências desde a ótica moderna: o surgimento das ciências humanas

Tendo em conta o surgimento das ciências humanas nos caminhos percorridos pela civilização ocidental na busca pelo conhecimento, vemos que este campo de saber

surgiu sob a égide do pensamento característico do momento histórico que é comumente chamado de período *moderno*. Definições para o que seja o período moderno não faltam ao longo da história da filosofia recente, assim, tenhamos em conta as palavras a seguir: “o ato de juntar o método e a razão pode ser chamado de mistura resultante, dando legitimidade à era moderna, à racionalidade científica. A partir daí se desenvolveram as poderosas forças explicativas da ciência e suas aplicações, a tecnologia”(LAWN, 2007). Podemos indicar, em linhas gerais, que a modernidade tem início no Renascimento e culmina no período do iluminismo (*Aufklärung*). Este período se estabelece a partir de modificações marcantes no modo de conceber a realidade, haja visto que há um impulso que tem como fim deixar para trás as crenças e superstições características do período Medieval e, com isso, fundar o conhecimento “moderno” na subjetividade racionalizada e não na autoridade da religião ou de um poder político absoluto.

Todos nós estamos de acordo que a ciência é a base essencial da cultura moderna em geral. A técnica maquina moderna e, com isso, toda a indústria moderna repousam efetivamente sobre as descobertas e as invenções científicas dos últimos séculos (GADAMER, 2007, p.12).

Esta mudança caracteriza a passagem do período *teocêntrico* para o período *antropocêntrico*¹. Nesse contexto ocorreu a recuperação de aspectos da cultura Greco-latina sem o intermédio da estrutura eclesiástica, o que deu ao pensamento uma dose de autonomia quase tão ampla quanto aquela experimentada pelos pensadores originários – pré-socráticos – quando se lançaram a conhecer a realidade que os circundava. Delineia-se a partir de então a confiança irrestrita no poder da razão para satisfazer os anseios e curiosidades existentes em meio à sociedade. Esse racionalismo se evidencia nos métodos que foram objeto de intensas reflexões por parte dos filósofos dessa época. As elaborações de Descartes, Bacon e Locke, aparecem com grande destaque, Descartes, por exemplo, é considerado o “Pai da filosofia moderna”, pois ao instituir a consciência (*res cogitans* - substância pensante) como ponto de partida, buscou enfatizar a capacidade humana de construir conhecimentos relativos às coisas a sua volta.

¹ Antropocentrismo: Do grego *anthropos*, “homem”; portanto, o homem no centro. Teocentrismo: do grego *Theo*, “deus”, isto é, deus no centro.

O pensamento cartesiano se estabeleceu desde a busca por conceber ideias claras e distintas, o que ocorre desde o uso, a princípio, da dúvida metódica, ao modo dos céticos, até chegar à famosa asserção *cogito, ergo sum*, do latim, penso logo existo. Essa conclusão não pode ser tomada como uma conclusão advinda de um encadeamento dedutivo, pois para Descartes diz respeito a uma intuição pura desde a qual o ser pensante pode ser percebido.

Estava, assim, estabelecida a base desde a qual o pensamento moderno poderia se desenvolver. As discussões filosóficas em torno de temas como o método, sobre o que é o homem e o que é o mundo, se dão a partir da reelaboração, reafirmação, ou em objeção ao que Descartes estabeleceu em seu pensamento.

Os desdobramentos desse racionalismo se deram de diversos modos, nas ciências, por exemplo, podemos ter em alta conta os mecanismos teóricos e metódicos traçados por Galileu, Kepler e Newton. Nesse sentido, as construções científicas buscaram se furtar aos possíveis enganos das compreensões pouco sólidas estabelecidas sem a base forte da razão. De um modo geral, o foco do pensamento moderno é alcançar o que poderíamos chamar de consciência da consciência, pois enquanto antes as perguntas se estabeleciam no sentido de compreender o que as coisas são, a pergunta do pensamento moderno é se nós temos a possibilidade de conhecer as coisas. Decorre disso as perguntas características do pensamento moderno: o que é possível conhecer? Qual é o critério a ser adotado para atingir tal conhecimento? Como posso me assegurar que os pensamentos quanto aos objetos sejam adequados? Ao modo de Descartes, como podemos ter ideias *claras e distintas*? Retomemos um pouco mais o contexto desde o qual se fez possível o estabelecimento desta tendência compreensiva quanto à realidade.

Do silêncio aos parâmetros metódicos: a matematização da realidade

No contexto da ratificação das construções das ciências modernas junto a humanidade, é importante ressaltar o impacto gerado pela superação do geocentrismo pelo heliocentrismo, pois esta proposição de Copérnico representa a instalação de uma grande dose de angústia para todos os viventes entre os séculos XVI e XVII. Este importante teórico publicou no século XVI sua obra *Das revoluções*

dos corpos celestes, onde expõe o heliocentrismo. Esta obra foi praticamente ignorada até o início do século XVII, até que as teorias propostas por ele ressurgiram a partir de Galileu e Kepler. As palavras de Pascal traduzem bem o horizonte desde o qual a trama existencial e reflexiva se desenrolava naquela época, “o silêncio desses espaços infinitos me apavora” (PASCAL, 1973, p.95).

Nesse contexto, parece necessário o estabelecimento de parâmetros desde os quais os “espaços infinitos” pudessem ser abarcados e, com isso, representassem algo mensurável. A partir desta perspectiva, há o estabelecimento da chamada revolução científica, desde a qual os campos de saber passaram a figurar como formas compartimentadas de conhecimento, deixando, desse modo, de fazer parte da filosofia, que antes congregava todas as elaborações quanto ao mundo. Podemos visualizar este momento histórico desde a analogia com aspectos do pensamento antigo. Pois enquanto Aristóteles buscou demonstrar a existência de vários graus de conhecimento, concluindo que o conhecimento especulativo estabelecido com vistas a buscar as causas mais fundamentais de todas as coisas era a verdadeira ciência, a partir da revolução científica, as investigações passaram a ter como foco a aplicação prática das descobertas.

Vemos que, com isso, a ciência fundamentou uma mudança acentuada na lida com os conhecimentos sobre a realidade, pois na falta de mecanismos para amenizar a angústia gerada pela desestabilização de alguns dos principais balizadores da compreensão quanto à realidade até então, as descobertas científicas passaram a ocupar este lugar. Assim, surge para auxiliar na recomposição de matizes compreensivos quanto à realidade as engenhosas elaborações de Galileu, que a revelia das perseguições do tribunal da “Santa Inquisição”, publicou em 1638 a sua última obra *Discursos e demonstrações matemáticas sobre duas novas ciências*, onde relaciona as elaborações de Copérnico às leis da mecânica, fazendo uma ponte entre os conhecimentos quanto à astronomia e à física. Além desta importante obra, para melhor compreensão das construções galileanas e do horizonte histórico esboçado aqui, cabe mencionar as seguintes obras: *O ensaiador* e *Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo*.

Dando ênfase aos experimentos para explicar como se desenrolavam os fenômenos físicos, Galileu ajuda na reorganização compreensiva relativa ao mundo,

estabelecendo novos parâmetros para lidar com a realidade. Desse modo, abre-se uma via para se furtar à angústia de se ver em um espaço incompreendido e, portanto, assustador. A matematização da realidade faz com que o mundo seja visto como algo que está estruturado por caracteres matemáticos, cabendo, portanto, aos especuladores fazerem uso de aparatos técnicos que possam dar acesso ao mundo, negando a validade de qualquer outro meio de conhecimento quanto a realidade. Nas palavras de Galileu,

A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras: sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto (GALILEI, 1973, p.119).

Fica evidente que aqueles que não se alinham com a busca por entender o mundo desde os caracteres matemáticos sequer existe compreensivamente no mundo, pois *vaga perdido no labirinto* da ignorância quanto a realidade que circundante. Apesar de ter enfrentado alguma resistência a princípio, os modelos trazidos pelas teorizações desse contexto acabaram sendo aceitos de modo que passaram, conforme indicado acima, a ser tomados como parâmetros incontestáveis para a lida compreensiva com a realidade. Isso fica claro quando observamos o fato de Newton ter promovido uma síntese dos resultados obtidos pelos esforços de Galileu e Descartes na física e na astronomia com as leis das órbitas celestes de Kepler, tendo em vista a elaboração da teoria da gravitação universal, e ao contrário de ser perseguido como foi Galileu, ele foi sagrado cavaleiro pelo governo inglês em 1705. Este é um tipo de honraria que jamais havia sido concedida a um estudioso de ciências “modernas”. Não há dúvidas de que isso se deve ao enfraquecimento da visão religiosa do mundo ocorrida a partir das especulações dos precursores da ciência moderna, que demonstraram que a fé não daria conta de representar e aclarar objetivamente os fenômenos do mundo natural, tal como a ciência racional e matematicamente pretende fazer.

Desse modo, estava fundada a concepção mecanicista do homem e do mundo, a partir de então estas esferas da realidade passam a ser vistas como máquinas que possuem mecanismos que precisam ser descobertos. Decorre desta visão o volume de investimentos efetivados no sentido de tornar estes mecanismos das ciências modernas, cada vez mais especializados e, portanto, eficientes. Esta visão rendeu e ainda rende um sem número de críticas, tal como podemos ver a seguir: “Enquanto o homem medieval e o antigo visavam à pura contemplação da natureza e do ser, o moderno deseja a dominação e a subjugação” (KOYRÉ, 1979, P.13-15). Ao lembrarmos brevemente de Marx e seus conceitos de alienação, mais valia e reificação, poderemos concluir, junto a este filósofo, que este processo de subjugação incide também sobre o homem, que se desumaniza e se torna força de trabalho a quem é atribuído tão somente o valor do que produz para o patrão, mas isto é assunto para outro momento. O fato é que os métodos oriundos deste contexto foram se universalizando e deixando de figurar apenas no contexto da física e da astronomia, passando, assim, a serem aplicados em todos os campos de saber.

A filosofia no contexto da absolutização do método científico

Dentre as vertentes filosóficas surgidas nesse contexto, possuem destaque as ideias vinculadas ao *racionalismo* e ao *empirismo*. Enquanto no racionalismo há uma ênfase na razão, tendo esta como um aspecto inerente ao ser humano enquanto tal, o empirismo coloca em relevo o papel das experiências sensíveis no processo de construção do conhecimento.

O empirismo possui um direcionamento bastante distinto do que propõe o racionalismo, pois acentua o papel dos sentidos e da experiência sensível no processo do conhecimento. Esta tendência teve grande adesão por parte dos filósofos ingleses, que acabaram desenvolvendo uma relevante tradição empirista. Esta tendência já tinha importância na Grã Bretanha desde o século XIII na universidade de Oxford, onde os frades franciscanos Robert Grosseteste e Roger Bacon chamavam atenção para o significado histórico da ciência e para o papel que ela poderia desempenhar na vida da humanidade. Grosso modo, os grandes destaques do empirismo inglês foram Francis Bacon, John Locke e David Hume, que conceberam suas ideias entre os séculos

XVII e XVIII. Não nos voltaremos para uma incursão mais demorada aos meandros deste movimento filosófico. Ao passo que, para dar sequência à elaboração deste empreendimento reflexivo, se faz cabível retomar o pensamento racionalista de Descartes para situar melhor a problemática sobre a qual nos debruçamos por hora, buscando ter clareza quanto aos efeitos deste pensamento no decurso histórico da humanidade.

Diversos pensadores, ao se lançarem ao trato com a ideia moderna de ciência, mostram que o enraizamento desta está no movimento científico do século XVII, e, como nos indica Hans Georg Gadamer, “a sua expressão filosófica reside na nova ideia de método que Descartes desenvolveu e fundamentou metafisicamente” (GADAMER, 2007).

Desdobramentos do cartesianismo: a supremacia do método das ciências modernas

Uma das principais consequências do pensamento cartesiano foi a valorização excessiva do entendimento baseado na razão, que ganha validade universal e, desde a substância pensante, pode descobrir todas as verdades existentes. O dualismo psico-físico (ou dicotomia corpo consciência), onde o ser humano é visto como um ser duplo, composto de substância pensante (*res cogitans*) e substância extensa (*res extensa*), também é objeto de constantes reflexões no cerne dos desdobramentos do pensamento ocidental.

O tratado *Discours de La méthode ou Discurso sobre o método* é tão revolucionário porque em seis breves capítulos consegue subverter um grande número das ortodoxias do pensamento filosófico medieval e, em termos amplos e claros, sem ambiguidades, estabelece a agenda para o novo paradigma de conhecimento e verdade. Uma mistura de pensamento cristão e aristotelismo dominava a filosofia escolástica antes de Descartes, e seu trabalho procurou conceder ao pensamento filosófico as fundações mais firmes da ciência natural. Do que o pensamento antigo carecia, de acordo com os filósofos do século XVII, era um procedimento metodológico com a

respeitabilidade da chamada Nova Ciência. Descartes foi quem se empenhou no estabelecimento desta premissa (LAWN, 2007, p. 49).

A inclinação de Descartes para colocar o conhecimento humano nos caminhos *seguros* da ciência natural ajudou a dar sentido aos anseios característicos de sua época, sem, com isso, deixar de valorizar as perspectivas anteriores a ele. Mas, entretanto, ele demonstra que as concepções que não forem fundadas nos métodos seguros esboçados a partir de enunciações matemáticas, não podem ser mais que probabilidades que carecem de verificação. Portanto, são apenas opiniões especulativas pouco fundamentadas por carecerem de comprovações precisas. Cabe lembrar que o movimento reflexivo de Descartes se volta para a aplicação dos procedimentos da geometria e da lógica em um campo inexplorado pelo pensamento filosófico. Trata-se de aplicar estes engenhosos mecanismos para estabelecer “o âmbito e os limites do pensamento humano e as fundações sobre as quais certas ideias são fundamentadas” (LAWN, 2007, P.49). As aquisições terminológicas de Descartes são encaradas por ele mesmo como ideias auto evidentes por serem apresentadas desde uma grande limpidez e distinção alcançadas pela eficiência do método das ciências naturais.

A subversão que Descartes promove na história do pensamento ultrapassa o campo da autoridade, tendo em vista a mudança no sentido de deixar de lado qualquer autoridade que não seja fundada na razão. A partir daqui os métodos orientam o olhar de tal modo que os fatos não podem ser vistos como dados primeiros, mas resultam de uma interpretação mediada pela teoria metodicamente estabelecida. As aquisições efetivadas são vistas como meios desde os quais os fenômenos possam ser generalizados e sirvam como mecanismo compreensivo em qualquer contexto.

A configuração da ciência moderna estabelece uma ruptura decisiva em relação às configurações do saber do Ocidente grego e cristão. O que predomina agora é a ideia de método. Em sentido moderno, o método, apesar de toda a variedade apresentada nas diversas ciências, é um conceito unitário (GADAMER, 2002, P.61).

A passagem acima fornecida a nós por Gadamer é bastante elucidativa para nosso percurso. Este pensador alemão deixa claro que no predomínio do método – tendo em vista que a etimologia desta palavra remonta ao termo *methodos que* significa algo

como: caminho através do qual se pode chegar, cognitivamente, ao que se projeta – existe um tipo de experiência com o conhecimento que só se dá pela crença na possibilidade de se percorrer um caminho cognitivo tendo este sob o controle da consciência a ponto de garantir a possibilidade de percorrê-lo quantas vezes se fizer necessário. Dessa forma, fica caracterizado o modo de proceder das ciências modernas, pautado na crença de que as experiências possam ser captadas desde métodos que garantam ao que é captado um sentido objetivamente “verdadeiro”. O objetivo das ciências metódicas é superar a casualidade da experiência com métodos objetivos e seguros. Nesta busca por generalização e por utilizar os métodos objetivos conquistados para melhor exercer domínio sobre a realidade, incidiram sobre às formulações que existem com vistas a compreender a natureza humana. Vejamos agora como os métodos das ciências modernas foram utilizados pelas ciências humanas a partir do século XIX.

O ser humano como objeto de estudo

Ter o ser humano como objeto de estudo representa uma árdua tarefa, pois este acaba necessariamente sendo tratada a partir de sua complexa individualidade, liberdade e de construções relativas aos costumes morais, o que demonstra uma especificidade extrema quando comparamos este objeto de estudo com entes inertes que se encontram dispostos a nossa volta.

O desafio assumido pelas ciências humanas foi o de estabelecer métodos eficientes, tal como os das ciências da natureza, a partir dos quais fosse possível estudar o ser humano com isenção e proficuidade científica. Enquanto na física é possível estudar as condições de pressão, volume, temperatura, a partir das quais o fenômeno estudado vai sendo decomposto e simplificado, as instâncias que compõem o ser humano resultam de múltiplas direções, desde hereditariedade, influência do meio em que se vive, até os impulsos e desejos que fazem parte de cada um de modo idiossincrático. Ao colocar em curso algum tipo de experimentação, como faziam os cientistas da natureza, as dificuldades se contrapõem à possibilidade de fundar as ciências humanas nos moldes das ciências naturais. A motivação dos sujeitos envolvidos em um experimento é variável e as instruções dos experimentadores

podem ser interpretadas de formas distintas. A repetição de um fenômeno qualquer pode alterar significativamente os efeitos, pois o indivíduo, como ser afetivo e consciente, nunca vive uma situação de maneira idêntica ao modo como a vivenciou anteriormente, mesmo que aparentemente se trate de vivências iguais. Soma-se a isso a ideia de que, segundo os conhecimentos elaborados pelas ciências modernas, tudo que existe na natureza possui uma causa, como seria possível observar o ser humano desde este prisma causal e ainda lidar com o aspecto da liberdade humana sem tomá-lo como um ser determinado? Por outro lado, se tomarmos o ser humano como dotado da capacidade de se auto produzir, como seria possível estabelecer leis através das quais fosse possível prever os fenômenos relativos ao ser humano, tal como ocorre com a pretensa regularidade vista na natureza pelas ideias dos teóricos do pensamento científico moderno como vimos em Galileu logo acima? Sem contar a dificuldade de buscar se isentar do que se é no caminho para a compreensão objetiva quanto a si mesmo, seria como buscar interpretar fatos históricos simultaneamente à vivência efetiva dos mesmos por parte do indivíduo.

O fato é que, em detrimento dessas e de outras dificuldades, as ciências humanas não só se estabeleceram como ganharam um relevante espaço na vida compreensiva da humanidade, e mantiveram-se restritas, em grande medida, aos ditames metódicos das ciências naturais, o que configurou limitações incontornáveis. Cabe a nós lidar com alguns dos efeitos desta forma de conceber o mundo e a nós mesmos. Este será nosso próximo passo.

O encobrimento do outro: a conflituosa imposição dos pressupostos modernos

Com a instituição dos parâmetros científicos e metódicos como balizadores da compreensão relativa ao homem e ao mundo, ocorre um forte encobrimento de outras perspectivas de pensamento relativas a realidade. Isso ocorre porque a demanda pelo crivo científico se torna pressuposto para qualquer incursão compreensiva em todos os âmbitos da vida. Nesse sentido, na afirmação dos pressupostos modernos, ocorre simultaneamente a negação de outras vias de acesso ao real. E, em decorrência disso, toda compreensão quanto ao homem se dá a partir do viés científico. Assim, toda experiência cultural, histórica e geograficamente distinta, fica alijada de seu

caráter de *humanidade*, de modo que fica estabelecido o que Dussel chama de *encobrimento do outro*. Vejamos isso mais de perto:

A modernidade originou-se nas cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas ‘nasceu’ quando a Europa pôde se confrontar com o seu ‘Outro’ e controla-lo, vencê-lo, violenta-lo, colonizar da Alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi ‘descoberto’ como Outro, mas foi ‘en-coberto’ como o ‘si-mesmo’ que a Europa já era desde sempre (DUSSEL, 1993, p.09).

A passagem acima nos coloca diante de questões de gravidade intelectual bastante severas, pois demonstra um aspecto pouco desdobrado do processo de desenvolvimento científico moderno. Este desenvolvimento foi instrumento do movimento desde o qual ocorreu uma construção pela via da negação, a medida que, ao levarmos a efeito o que Dussel nos indica, fica claro que sob a ótica europeia enviesada pelo método científico, se faz necessário aderir à marcha triunfal do desenvolvimento moderno para que, com isso, seja possível uma adesão ao que possa ser visto como humano. Esta adesão, como podemos ver recorrentemente no decurso histórico, muitas vezes se deu através da imposição. A ideia de humanidade, portanto, difundida nos meios intelectuais é intrinsecamente devedora das noções eurocêntricas estabelecidas e fortalecidas num contexto específico do ponto de vista histórico e geográfico.

Dussel teceu suas considerações em contraposição a alguns dos pilares mais respeitados do pensamento europeu moderno, visando denunciar o que chamou de *eurocentrismo*, que consiste no estabelecimento dos parâmetros de compreensão do mundo oriundos do desenvolvimento do pensamento europeu como centrais em qualquer atitude de pensamento frente ao mundo. Nesse sentido, toma-se o pensamento europeu como medida compreensivo do mundo e nega validade a tudo que se furta a se alinhar a esta perspectiva totalizante. Mesmo a partir de um olhar bastante rasteiro, que beira o reducionismo, é possível enxergar em Descartes, Kant e Hegel, um tripé do pensamento moderno enviesado pelo método científico. Embora seja evidente que estes pensadores forneceram à tradição do pensamento filosófico contribuições que vão muito além disso. Enquanto Descartes pressupõe uma

estrutura pensante que subsiste em qualquer ser humano existente independente do local e da época em que este se encontre e, a partir disso, presume a conquista de alicerces seguros para as ideias claras e distintas, Hegel enxerga a história do desenvolvimento teleológico da humanidade a partir de um processo dialético iniciado no oriente e terminado na Europa, no estágio de auto transparência do espírito absoluto conhecido como fim da história, Kant presume ser possível conjecturar sobre um início da história de um ponto de vista cosmopolita, não assumindo, nesse sentido, a finitude e circunscrição histórica de seus argumentos que, assim como o que nos indica os demais pensadores, podem perdurar como provocações inesgotáveis ao pensamento, mas não podemos deixar de ter em conta que se fazem entranhados por demandas específicas e em momentos constitutivamente distintos da história da humanidade. Estes pensadores são mostra da pretensão totalizante do pensamento moderno, que persiste com força significativa atualmente, obstruindo a concepção e a valorização de caminhos para o Outro enquanto Outro que pode se desencobrir no diálogo que não subjuga mas se abre à finitude de toda compreensão. Deixando, nesse sentido, de ver no Outro apenas um reflexo as vezes claro as vezes mal concebido do Si concebido sob a égide do eurocentrismo.

Com efeito, a instituição de modelos advindos das demandas específicas de um tempo e lugar foram elevadas ao grau máximo de importância, deixando de lado tudo o que possa ser visto como Outro quanto àquele que visa compreender. A medida de tudo é um Eu pensante que se serve das conquistas do método e, a partir destas, corrobora com os desdobramentos desse tipo de pensamento, ao passo que também amplifica os mesmos. Esse caráter imperscrutável só é assumido quando se parte para a análise das experiências munido dos métodos previamente dados e mantendo a fé nestes mecanismos, pois os mesmos transmitem a sensação de que existe de fato um poder de enquadrar e limitar o real dentro de medidas que abarcam o todo.

No cerne da supremacia deste horizonte objetivo, podemos observar o crescimento de dificuldades para o diálogo com o que não se enquadra, com o que não se limita às noções previamente dadas pelo pensamento racionalista europeu. Isso faz com que emergam diversos conflitos que se fundam na negligência frente ao diálogo e a aceitação do Outro em suas dimensões próprias. Mesmo uma abordagem um tanto quanto restrita sobre a colonização da América latina pode deixar isso claro. Ainda

tendo como base as indicações de Dussel, convém lembrar que a justificativa para esse processo se deu pela compreensão rasteira de que a colonização era um mecanismo de emancipação, de libertação dos que habitavam a região até a chegada dos 'salvadores'. Esta atitude supostamente benevolente escondeu uma violência inquestionável, pois culturas foram conflituosamente soterradas pelos mecanismos que dariam aos que habitavam a região previamente a condição de maioria e liberdade, pois, segundo a visão dos colonizadores, as condições nas quais os colonizados se encontravam não condizia com a cultura humana. É evidente que tal visão decorre da ideia de humanidade corresponde aos preceitos fundamentados no pensamento moderno que se pauta, em última instância, no ideário metódico europeu. Na negação de qualquer legitimidade de uma cosmologia não europeia, ocorre o fomento necessário para o estabelecimento das bases para muitos dos conflitos que se perpetuam até nossos dias, pois a negação do Outro enquanto tal produz constantes divergências. Um exemplo claro disso podemos verificar a partir da negação e desvalorização das religiões de matriz africana por parte dos adeptos de religiões tipicamente europeias.

Se lançarmos um olhar cuidadoso para a nossa realidade veremos que somos constantemente colonizados por diversas vias, desde a cinematográfica até a tecnológica, pois os parâmetros de inclusão decorrem da adequação à última moda planetarizada. De diversas formas somos levados a nos furtarmos à construção de uma identidade brasileira para nos alinharmos ao que se convencionou chamar de globalização. Este alinhamento acaba sendo tão intensamente pleiteado que motiva, dentre outras coisas, alguns dos que, por motivos diversos, se sentem de fora desse processo, a viverem em conflito com alguns parâmetros da sociedade. Não é novidade que uma parcela considerável da violência decorrente de roubos e furtos se dá pela busca por adereços e bens que possam saciar a demanda estética e econômica estabelecida como ideal. Somos, em geral, tão eurocêntricos e crivados por esses modelos que dificilmente conseguimos lidar com o que se furta ao enquadramento. Diante do distinto buscamos impor a mesmidade dos conceitos e dos métodos compreensivos, e quando existe alguma resistência quanto a esta imposição, assistimos a conflitos que parecem insolúveis devido ao fato de não haver abertura para o diálogo desde a aceitação dos limites compreensivos, da finitude de toda fala e de toda teoria, bem como muitas vezes nos vemos em conflito com características

fundamentais quanto a nós mesmos, por estarmos diante de demandas muito próprias de nossa construção imediatamente dada historicamente, e os modelos instituídos e mantidos como balizadores.

Considerações finais

Esta breve explanação se dá no intento de fomentar discussões e abrir vias de pensamento, e não visando findar os desdobramentos do pensamento em perspectivas já dadas. Este percurso foi intimamente orientado por uma leitura hermenêutica da história do pensamento, tendo como pano de fundo ativo e norteador a hermenêutica de Hans Georg Gadamer, pois em seu centro propositivo, este pensador convida todos os que se lançam a lidar com a dinâmica compreensiva e interpretativa a assumir alguns pressupostos, quais sejam: a incontornabilidade dos pré-juízos, a finitude dos horizontes compreensivos, o olhar fenomenológico frente ao real que aparece a cada vez para um indivíduo que já se dá, pensando junto a Hegel, desde uma substância que forja uma consciência histórica advinda do cerne da tradição de pensamento.

Cabe também dizer que a problemática em torno das noções modernas calcadas nos método racionais, persistem em um grau de relevância considerável nas problemáticas suscitadas no pensamento de diversos pensadores, tal como podemos verificar na busca por restituir o caminho desvirtuado de uma racionalidade moderna que ainda pode ser resgatada pela via da ética discursiva, ou no pensamento genealógico de Foucault que denuncia o enquadramento do sujeito em técnicas de controle e governo de si, justamente no cerne de uma pretensa adequação que encaixota 'normais' e 'loucos' numa divisão estéril e ficcional oriunda da incidência da racionalidade científica moderna na noção de sujeito. Ainda assim, parece cabível retomar o caminho para o princípio, para as bases do que estes pensadores problematizam para, então, sermos capazes de nos colocarmos na dinâmica desde a qual tais pensamentos se fazem possíveis, e não apenas nos contentarmos com a reprodução irrefletida e desenraizada quanto a esta problemática.

Assim, diante do contexto apresentado, fica evidente que o processo histórico de construção do pensamento moderno, caracterizado pelo advento de métodos racionais, auxilia na instituição de modelos que podem fomentar e embasar diversas formas de conflito, pois na negação do Outro enquanto tal se constitui uma dinâmica na qual a relação se dá como se estivéssemos diante de um jogo onde um dos jogadores estabelecesse as regras do mesmo previamente e em seu favor, relegando ao Outro o papel de quem acata e se curva, abandonando seu caráter de Si em prol do alinhamento com o que se impõe. Todo movimento para negar esse alinhamento pode auxiliar na manutenção de conflitos que se estendem da esfera da construção de si, até as relações entre as diversas manifestações históricas e culturais existentes.

Dados do autor: Weksley Pinheiro Gama é Doutorando em Filosofia (UFRJ), Mestre em Filosofia (UFES) e Licenciado em Filosofia (UFES). Atua como Professor de Filosofia nos níveis médios e superior. E-mail para correspondência: weksley.gama@gmail.com

Referências Bibliográficas

DUSSEL, Enrique. **1492:O Encobrimento do Outro (A Origem do “Mito da Modernidade”): Conferências de Frankfurt**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

GADAMER, Hans Georg. **Hermenêutica em retrospectiva: a posição da filosofia na sociedade**. Tradução de Marco Antônio Casanova.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. – (Coleção Textos Filosóficos).

_____. **Verdade e método II: complementos e índice**. Tradução de Enio Paulo Giachini; revisão de Márcia Sá Cavalcante Schuback. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2002.

GALILEI, Galileu. **O ensaiador**. São Paulo, 1973. (Coleção Os Pensadores).

KOYRÉ, Alexandre. **Do mundo fechado ao universo infinito**. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária/ Edusp, 1979.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. Tradução de Hélio Magri Filho – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos, aforismo 206**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).